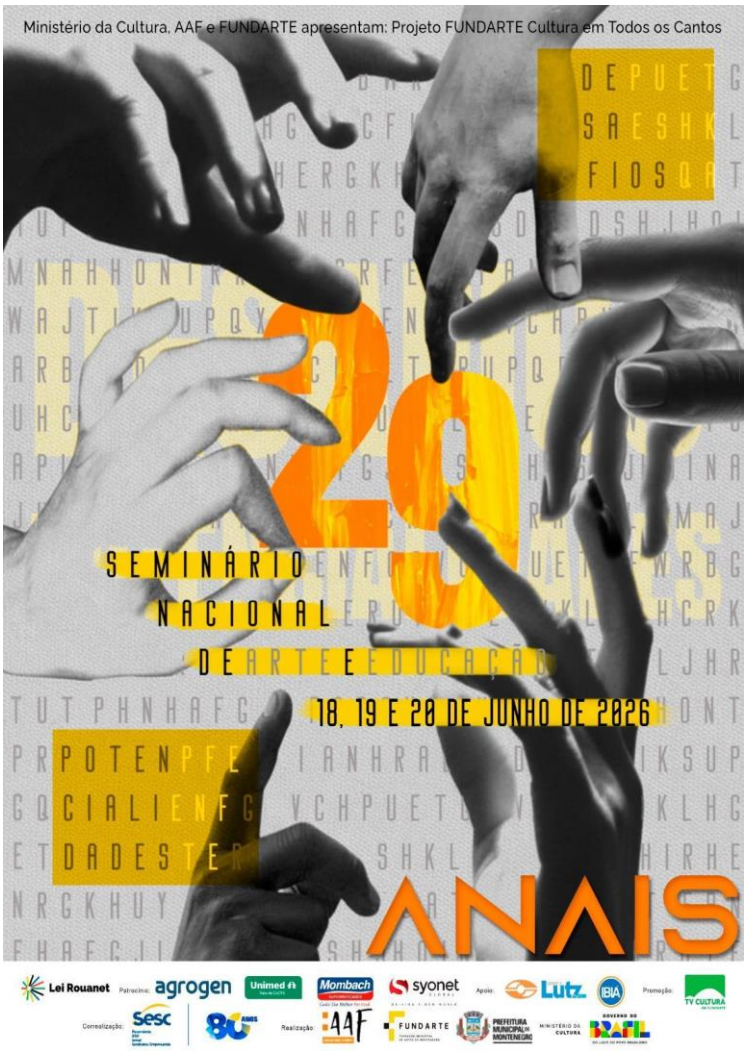


ENTRE VOOS E CRIAÇÕES: PROCESSO PEDAGÓGICO EM DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA IDEIA DE “BANDO” RELATO DE EXPERIÊNCIA

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade.

Isabel Urtassum da Silva Rosa
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS, Brasil

Mariana de Julio
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS, Brasil

Carolina Martins Portela
Secretaria Municipal de Educação – SME, Pelotas/RS, Brasil

Josiane Franken Corrêa
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS, Brasil

Eixo temático: Acessibilidade; Violência; Tecnologias ou Sustentabilidade

ROSA, Isabel Urtassum da Silva *et al*. ENTRE VOOS E CRIAÇÕES: PROCESSO PEDAGÓGICO EM DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA IDEIA DE “BANDO”. **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE-ISSN 2359-6120. Montenegro, e1950, Ano 2026.

Resumo

O presente trabalho apresenta reflexões sobre as experiências desenvolvidas no âmbito do PIBID núcleo Dança da Universidade Federal de Pelotas, articulando práticas pedagógicas realizadas no Colégio Municipal Pelotense com discussões teóricas sobre o ensino da dança, a partir de autores como Char e Paraíso (2020) Strazzacappa (2010) e Vianna e Castilho (2002). As atividades propostas, baseadas em explorações corporais e produções coletivas, buscaram ampliar as possibilidades de relação dos estudantes com o corpo, o espaço e o outro. Destaca-se, nesse processo, o uso de visualidades, com o trabalho com "bandos de passarinhos", que favoreceu a investigação de deslocamentos, formações espaciais e dinâmicas coletivas. Observa-se que, embora inicialmente marcados pela timidez, os alunos passaram a se engajar progressivamente nas propostas, desenvolvendo maior autonomia, criatividade e participação. As experiências evidenciam a dança como um campo potente para tensionar práticas escolares tradicionais, promovendo espaços de escuta, criação e experimentação no ambiente educativo e proporcionaram às autoras uma maior articulação entre teoria e prática pedagógica em dança.

Palavras-chave: Dança na Escola; PIBID; Ensino Fundamental; Bando.

Introdução

O trabalho busca relatar uma experiência de ensino de dança na educação básica, desenvolvida no Colégio Municipal Pelotense durante o 1º semestre de 2026, por meio de ações do PIBID núcleo Dança da UFPel. As aulas aconteceram nas segundas-feiras, sendo uma das turmas no primeiro período, com 45 min de aula e outra no último período, contando com um tempo reduzido em 15 min.

A proposta teve como eixo central o processo de ensino da dança a partir da ideia de "bando", inspirada no comportamento dos pássaros em voo. Essa escolha também se baseia nos objetivos previstos no Documento Orientador Municipal (DOM) para o ensino da dança, especialmente nas habilidades EF15AR09RS35PEL-1, EF15AR10RS35PEL-1 e EF15AR11RS35PEL-1, que propõem a exploração das relações entre corpo e movimento, a investigação da tríade corpo-espaço-movimento e os processos de criação e improvisação em dança. A partir desse tema, buscamos desenvolver atividades que articularam corpo, espaço, coletividade e criação, considerando tanto as experiências práticas quanto os registros realizados pelos alunos.

Neste sentido, são relatados sobre os desafios, as adaptações e as aprendizagens que emergiram ao longo do processo, compreendendo a dança como campo de conhecimento na escola e o corpo como elemento central na construção dessas experiências. Nesse sentido, dialoga-se com Strazzacappa (2010), ao defender práticas pedagógicas que ampliem as possibilidades de movimento, experimentação e expressão, também Char e Paraíso (2020) com a ideia de corpos-dançantes que buscam outras formas de explorar o espaço escolar e com Vianna e Castilho (2002), que ressaltam a importância da percepção corporal, da relação com o espaço e da ampliação das experiências de movimento, favorecendo a construção de vivências significativas com a dança no contexto escolar.

Processo Pedagógico em Dança

Por se tratar de uma escola que oportuniza aula de dança desde a Educação Infantil, a maioria dos alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Pelotense costumam compreender com maior facilidade a aula de dança como um espaço legítimo de aprendizagem e criação.

Um episódio marcante ocorreu na primeira aula do ano, em uma das turmas de 3º ano. Estávamos sentados em roda nos apresentando e, enquanto conversávamos, uma das pibidianas começou a fazer pequenas batidas rítmicas nas pernas e palmas com as mãos, quase como uma inquietação do corpo parado. Aos poucos, um aluno começou a repetir, depois outro, até que toda a roda estava produzindo aquele ritmo coletivamente. Desde então, esse gesto se transformou em um ritual da turma: sempre que chegamos para a aula, eles começam a batucar nas mesas como forma de recepção. Essa experiência traduz uma compreensão de dança que emerge da escuta, da relação e da presença coletiva, e não de algo previamente imposto ou ensinado.

O processo pedagógico foi organizado de forma gradual, buscando respeitar o tempo e as respostas dos alunos. Na primeira aula, os estudantes organizaram seus cadernos de dança, que passaram a funcionar não apenas como um suporte de registro, mas também como um espaço de vínculo com a proposta. Já na segunda aula, os alunos personalizaram seus passarinhos de origami, atribuindo cores, nomes e características, o que contribuiu para a construção de uma relação afetiva com esse elemento que acompanharia as práticas.

Na terceira aula, realizada na sala de dança, foi proposta uma exploração do "voo" a partir dos passarinhos. Havia uma expectativa inicial de que, por se tratarem de crianças entre oito e nove anos, a resposta corporal seria mais ativa. No entanto, o que se observou foi um movimento mais contido, concentrado principalmente nas mãos, com pouca exploração do corpo como um todo. Esse momento revelou não apenas uma possível timidez, mas também uma limitação relacionada à pouca vivência prévia com propostas de movimento mais livres, seus corpos pareciam responder a formas de organização amplamente presentes na experiência escolar. Vianna e Castilho (2002) problematizam justamente os processos educativos que valorizam a contenção do movimento e a ocupação mínima do espaço, questionando uma "boa educação" que frequentemente associa aprendizagem à imobilidade. Nesse contexto, a predominância de gestos realizados apenas com as mãos, especialmente a repetição cansativa de segurar o lápis com força, pode ser compreendida como um indício de corpos que, ao longo de sua trajetória escolar, aprenderam a restringir determinadas possibilidades de ação e expressão. A dificuldade inicial em explorar o corpo como um todo evidencia como os modos de organização escolar também produzem modos específicos de perceber, habitar e movimentar o próprio corpo.

Essa frustração inicial foi importante para a reorganização das estratégias pedagógicas. A partir dela, passamos a propor atividades mais direcionadas, introduzindo diferentes formas de deslocamento, como pular, caminhar em diferentes níveis, realizar trajetórias em zigue-zague, explorar variações de velocidade (lento e rápido) e movimentos circulares.

Desenvolvemos as propostas práticas em diferentes espaços da escola, como corredores, saguão e sala de dança, ampliando a relação dos alunos com o ambiente escolar. Ocupar esses espaços de maneira não convencional, permitiu que os estudantes passassem a experimentar diferentes formas de movimento, interação e criação. Ao deslocar as práticas para locais tradicionalmente associados à circulação em filas organizadas, as propostas convidaram os estudantes a estabelecer outras relações com o ambiente escolar. Assim, a dança aparece como uma possibilidade de ampliar as formas de aprender, a partir do que destacam Char e Paraíso (2020), o desejo dos estudantes é por vivenciar corporalmente a escola de outras maneiras, mais conectadas com suas experiências e interesses. As autoras frisam que "a força que pulsa, vibra e ecoa desses corpos-dançantes parece pedir mais. Pede por um

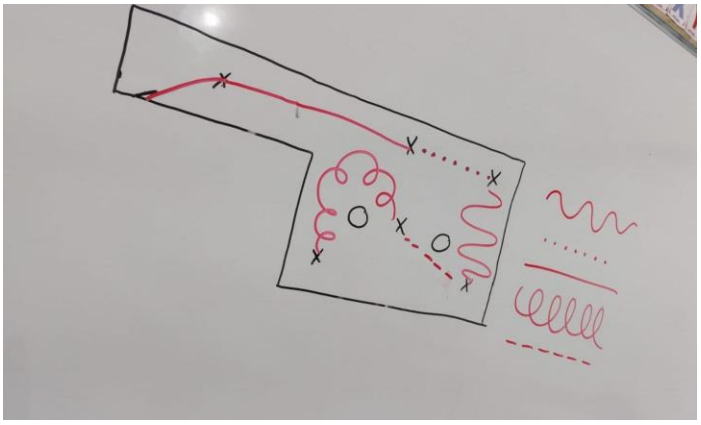
currículo-dançante: um aprender com sentido, que se dá no corpo em movimento e que passa por uma poética das artes do corpo."(Char e Paraíso, 2020, p. 245) Então, em vez de apenas atravessar esses espaços um atrás do outro, incentivamos as crianças a habitá-los de diferentes maneiras, podendo explorar e produzir trajetórias próprias.

Como apontam Vianna e Castilho (2002), reconhecer o espaço também significa construir presença e produzir marcas nos ambientes que ocupamos. Podendo experimentar diferentes percursos, velocidades e formações coletivas, os alunos ampliaram seu repertório de movimentos e suas formas de relação com a própria escola, reconhecendo-se como sujeitos capazes de produzir sentidos nos espaços que cotidianamente ocupam. As propostas encontram respaldo no Documento Orientador Municipal de Dança, que enfatiza a vivência de diferentes deslocamentos, velocidades e usos do espaço para a compreensão da tríade corpo-espaço-movimento. Dialoga-se também com Strazzacappa (2010), que destaca a importância de propostas que favoreçam processos de exploração, experimentação e descoberta na dança, compreendendo que não é a dança em si que carrega o caráter criativo, mas as possibilidades de mediação construídas pelo professor junto às crianças em seus percursos de interação e iniciação à linguagem da dança.

Durante essas atividades, os alunos foram convidados a construir trajetórias de "voo" e registrá-las em seus cadernos. Inicialmente, orientamos esses registros apresentando diferentes formas de representação. A partir disso, cada aluno construiu seu registro de maneira própria: alguns com desenhos mais elaborados, outros com traços mais simples, evidenciando que o foco estava na construção de sentido, e não na padronização.

Em um segundo momento, os registros passaram a ser coletivos. A turma construiu, em conjunto, um trajeto no quadro, que posteriormente foi registrado individualmente nos cadernos. Esse movimento contribuiu para a compreensão de que o conhecimento também pode ser produzido coletivamente e sistematizado individualmente.

Figura 1 – Exemplo de registro de voo construído coletivamente



Fonte: Arquivo pessoal das autoras..

Além dos registros práticos, foram desenvolvidos momentos voltados à sistematização teórica dos conteúdos trabalhados. Os alunos registraram conceitos como espaço, níveis, formações, formas de deslocamento e direções, compreendendo que a dança também envolve um campo conceitual. Essa articulação entre prática e teoria promove o reconhecimento da dança como área de conhecimento, e não apenas como atividade recreativa.

Como atividade de síntese do trimestre, propusemos uma pesquisa que retomava o tema dos passarinhos. Os alunos observaram pássaros, registraram formações de voo e pesquisaram coreografias em grupo que dialogassem com a ideia de “bando”. Identificaram informações como nome da obra, grupo ou coreógrafo e possíveis estilos de dança.

É importante destacar que não houve uma preocupação central com a precisão das respostas, mas sim com a forma como os alunos mobilizaram seus conhecimentos para interpretar o que observavam. Essa escolha pedagógica aponta para uma perspectiva de avaliação processual, que valoriza a construção do conhecimento ao longo do tempo.

Outro elemento central da proposta foi a organização dos deslocamentos em “bando”. Desde o início, estabelecemos combinados com os alunos, diferenciando os momentos em que a fila era necessária, especialmente nos deslocamentos com mochilas, e os momentos em que o grupo poderia se mover de forma mais livre, porém organizada.

O “bando” foi compreendido como um coletivo em movimento, no qual os alunos deveriam respeitar limites e cuidar uns dos outros: não ultrapassar as

professoras, não ficar para trás, não empurrar colegas e não danificar os materiais. Esses combinados eram retomados constantemente, reforçando a ideia de que o “bando” não era sinônimo de desorganização, mas de uma outra forma de organização, baseada na coletividade.

Ao longo do processo vivido, porque o direcionamento inicial contribuiu para a construção de um repertório corporal, que posteriormente possibilitou maior autonomia nos momentos de criação. Assim, a autonomia não surgiu de forma espontânea, mas foi construída a partir das experiências. Também se evidencia como as crianças criam rapidamente quando existe espaço para isso: inventam percursos, transformam objetos, constroem soluções em grupo e encontram maneiras próprias de se mover. Essas experiências reforçam a ideia de que a dança pode atuar como uma forma de romper, ainda que gradualmente, com processos de docilização dos corpos presentes na escola desde a infância, criando espaços onde as crianças possam reconhecer seus corpos, afetos, imaginação e formas singulares de existir no coletivo.

As experiências desenvolvidas ao longo do processo reforçam a compreensão da dança como um campo capaz de tensionar formas de organização escolar que historicamente contribuíram para a homogeneização das experiências corporais. Em uma instituição marcada por rotinas que frequentemente exigem permanência prolongada em posições estáticas, deslocamentos organizados e formas específicas de ocupar o espaço, propostas que convidam as crianças a observar, imaginar, criar percursos e construir respostas próprias assumem uma dimensão que ultrapassa o ensino de conteúdos específicos da dança. Como discutem Vianna e Castilho (2002), processos educativos pautados na contenção do movimento podem contribuir para o empobrecimento das experiências sensíveis e perceptivas dos sujeitos. Ao explorar corredores, saguões, trajetórias, velocidades e formações coletivas, os alunos foram estimulados a perceber o movimento e também a si mesmos, aos colegas e aos espaços que habitam cotidianamente. Trata-se de experiências que ampliam a atenção ao corpo, ao outro e ao ambiente, preservando possibilidades de invenção e sensibilidade frequentemente reduzidas por lógicas de padronização e controle presentes na escola. Criando condições para que diferentes respostas fossem possíveis, as atividades com os passarinhos buscaram afirmar a singularidade das

experiências infantis, reconhecendo que cada criança carrega em seu corpo histórias, memórias e formas particulares de perceber e habitar o mundo.

Considerações Finais

A experiência evidenciou que o ensino da dança na escola envolve desafios que vão além da proposição de atividades. É necessário considerar o tempo de aprendizagem, as experiências prévias dos alunos e as formas como o corpo é compreendido e vivido no ambiente escolar.

O PIBID nos proporcionou, como professoras em formação, a possibilidade de experienciar a realidade da educação. Estando dentro da escola pública podemos reconhecer a complexidade do ensino e considerar atravessamentos de diferentes necessidades da comunidade escolar. Assim articulando a teoria e prática artístico-pedagógica nos processos de ensino-aprendizagem em dança.

O processo também demonstrou a importância da mediação docente na construção do conhecimento, especialmente na transição entre propostas mais direcionadas e momentos de criação mais autônomos. Nesse percurso, o erro, a frustração e a necessidade de adaptação mostraram-se fundamentais para o desenvolvimento das aulas.

O uso do caderno de dança destacou-se como uma ferramenta potente, não apenas para registrar, mas para organizar e ressignificar as experiências vividas. Ao articular prática e teoria, os registros contribuíram para ampliar a compreensão dos alunos sobre a dança enquanto área de conhecimento.

Por fim, a proposta do “bando” revelou-se um conceito potente, tanto do ponto de vista pedagógico quanto relacional, ao promover experiências de coletividade, cuidado e respeito. Ao se deslocarem juntos, os alunos não apenas exploraram o espaço e o movimento, mas também construíram formas de estar com o outro.

Dessa forma, este trabalho reforça a importância de pensar a dança na escola como um espaço de experimentação, construção coletiva e produção de conhecimento, no qual o corpo é reconhecido em sua potência expressiva e criativa.

Referências:

CHAR, Carla; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Aula-experimentação com dança: demanda de um currículo-dançante**. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 234–247, out./dez. 2020. DOI: 10.12957/teias.2020.53926.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Documento Orientador Municipal: Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Pelotas.** Pelotas: Secretaria Municipal de Educação e Desporto, 2020.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A tal "dança criativa": afinal, que dança seria?** In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (org.). *Algumas perguntas sobre dança e educação*. Joinville: Nova Letra, 2010. p. 39-46.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. **Percebendo o corpo**. In: GARCIA, Regina Leite (org.). O corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 17–34.